



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FORMA DE RESISTÊNCIA DA MEMÓRIA DO POVO TUPINIKIM

Palavras-Chave: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, TUPINIKIM, ORALIDADE

Autor:

DIWARIAN PÊGO DE SOUZA, IA, UNICAMP

Prof.^a Dr.^a GINA MONGE AGUILAR (orientadora) IA, UNICAMP

INTRODUÇÃO

A contação de história está presente em muitas culturas ao redor do mundo, mas onde se estabelece a sua força é nos grupos que preservam a oralidade, que veem a língua e o passar das tradições através da fala como uma cultura importante que deve ser valorizada. O povo Tupinikim que teve seu reconhecimento pela Funai em meados dos anos setenta, carrega a cultura da contação de história e o passar das tradições através da oralidade. Na comunidade indígena de Caieiras Velha, uma tradição muito forte e bem marcante do povo é a roda de tambor, mais conhecido como congo, a dança é feita em roda e as canções trazem versos sobre espiritualidade, amor e vivências da comunidade. Depois de todos esses séculos de opressão, é possível perceber que a contação de história, as memórias passadas através da oralidade, resistiram e permanecem sendo utilizadas dentro das comunidades, o que não foi diferente para o povo Tupinikim, sendo esse saber ancestral muito importante para seu processo de resistência.

METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa, foi utilizado o método etnográfico, onde a pesquisa será voltada para os territórios do povo Tupinikim, com um foco maior na comunidade indígena de Caieiras Velha. Serão feitas revisões bibliográficas em livros, sites e dissertações acadêmicas. Outro meio, será a pesquisa de campo com entrevistas e observações nas escolas indígenas, casas dos anciãos e nos momentos de festividade onde acontecem essas contações de história.

Ao final desta pesquisa, pretendo trazer para a cena elementos da cultura indígena, a fim de fortalecer a cultura oral e os ensinamentos das bibliotecas vivas, ajudando a visibilizar, incentivar e valorizar o papel fundamental da contação de histórias do povo Tupinikim na resistência ao processo de apagamento causado pela colonização.

RESULTADOS

Ao decorrer da pesquisa, que ainda não está finalizada, pude obter alguns resultados esperados. A visibilidade aos mais velhos do povo Tupinikim, foi um dos objetivos principais, escutar através deles o quanto a oralidade é necessária para a preservação da cultura e dos ensinamentos é de suma importância. Dentro da aldeia de Caieiras Velhas, a maior parte das pessoas acima dos 50 anos tem a educação básica incompleta ou concluída “tardamente” com ajuda do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Esta situação foi gerada por diversos fatores que atingem as comunidades marginalizadas, neste caso as comunidades indígenas Tupinikim e faz com que a tradição oral tenha uma significância ainda maior.



FIGURA 1



FIGURA 2

Dona Preta (Figura 1) trouxe para sua contação, a história da sua vida, desde o seu surgimento até os dias de hoje. O que se pode notar é que dentro da contação a linha temporal não é algo tão relevante, não existe uma preocupação de contar iniciando do início ou terminando com o fim e que o meio pode estar em qualquer parte da história, o importante é fazer com que o ouvinte visualize a partir de onde se conta e se encontre no tempo. Além da temporalidade, o território é algo que está sempre presente nas contações, não é nenhuma surpresa que o território é a principal pauta discutida dentro do movimento indígena em si, pois sem território não existe povo. Mas o impressionante é como isso surge nas contações de forma singela, uma naturalidade que está presente dentro do corpo indígena e sai em forma de palavras. Os detalhes necessários fazem com que consigamos visualizar cada território e as mudanças que eles ganham ao enxergar as palavras ditas e ligá-las aos nossos conhecimentos pessoais. Dona Preta trouxe informações em suas contações que mostram a força e a realidade do povo tupinikim antes mesmo da conquista

de seus territórios, que é o território que hoje é conhecido como Aracruz, sempre foi terra Tupinikim, mesmo com o apagamento da etnia e a falsa história de que o povo estava extinto. O povo permanecia na região norte do Estado vivendo como caboclos e carregando a cultura Tupinikim através dos cantos, organização social e forma de vida.

Na contação de Dona Margarida (Figura 2), foi perceptível a semelhança em relação à temporalidade, o território e os detalhamentos nas palavras. No entanto, o que chamou a atenção foi uma forma que é muito comum de ver os mais velhos contando história, essa contação acontece enquanto está sendo executada alguma atividade sem que a interrompa. Seja fazendo farinha, pescando, no roçado ou até mesmo, como neste caso, confeccionando artesanato. Ao contar a história junto com um trabalho, os dois começam a se fundir sem perder o sentido, o contador ou a contadora muda de assunto para apontar algo importante do trabalho e depois retoma a contação ou então dialoga assuntos que estão ligados tanto à história narrada quanto ao afazer do contador. Por exemplo, Dona Margarida fazia uma contação sobre sua vida e sobre os territórios que viveu enquanto fazia artesanatos de semente, quando ela pega uma semente de Saboneteira e diz que ela carrega esse nome devido a substância gosmenta que forma espuma retirada da casca da semente, era utilizada para tomar banho, e ela utilizou na Lagoa Suruaca, local onde ela nasceu e estava sendo narrado na história que por ela era contada.



FIGURA 3



FIGURA 4

Ao trazer para a parte prática, eu, Diwarian (Figura 3), fiz algumas contações de história sobre a luta em prol a demarcação dos territórios do povo Tupinikim, histórias que aprendi dentro do meu território, no meio familiar, educacional e comunitário. Particpei de dois eventos em 2024 trabalhando como contador, sendo o primeiro o Amazônia de pé, que ocorreu no Goma, espaço de arte e cultura, onde busquei uma forma mais teatral, utilizando movimentos corporais e sonoplastia para fazer a narração. Minha segunda apresentação foi realizada no espaço da Faculdade de Educação da Unicamp, conhecido como o jardim dos saberes ancestrais, na qual o público eram crianças da educação infantil da rede municipal de Campinas, e tendo em vista esse público busquei fazer a narração de forma mais lúdica

e educativa para prender a atenção do público mirim e conseguir fazer eles entenderem o que era narrado.

A pesquisa faz parte de um grupo conhecido como Margens e Veredas que realiza diversos seminários, rodas de conversas e atividades voltadas para grupos marginalizados, na qual eu componho a frente indígena. Em Maio de 2025 foi realizado o evento “Abril indígena é o ano inteiro” onde tive a oportunidade de realizar mais uma contação de história que ocorreu no espaço das artes da Faculdade de ciências médicas (Figura 4). Nessa contação tinha um público majoritariamente ligado à universidade, discentes e docentes, sendo dos discentes grande parte indígenas, busquei trazer para a corporalidade a contação no formato que é feito dentro da minha comunidade, de forma mais natural, sem a rigidez da temporalidade, com a realização de alguma ação - neste caso, comendo uma mexerica - e com a tentativa de deixar o público à vontade, com a liberdade de se locomover e aproveitar a espacialidade, além de poder intervir na contação. Contudo, percebi dentro dessa tentativa, que o público é muito importante para a contação, quando trago que as histórias narradas sempre tem uma forte ligação com o território do contador, vale pontuar que o público também é muito importante, para que a história seja visualizada de forma clara e natural com a interação do ouvinte, ele precisa ter uma ligação com o território, se não fica sem espaço de referência e modifica o estilo da contação. Isso aconteceu nesta terceira contação de história, onde o público não conseguiu interagir e meu corpo se limitou ao formato de contação educativa, impossibilitando que eu me aproximasse da contação feita dentro do território Tupinikim.

CONCLUSÃO

Conclui-se que as contações de histórias realizadas pelo povo Tupinikim tem uma grande ligação com o território, digamos que pode até se dizer que todo lugar de partida fosse o território, o que liga o presente, o passado, o futuro e o ancestral. As histórias tem uma grande relevância enquanto educação indígena, seja pelos mais velhos que não dominam a escrita até seus descendentes que carregam o legado da tradição oral, nisso, cada história carrega conhecimento de aprendizagem, tanto da história do povo, como dos costumes executados dentro do território. Em relação à espiritualidade, as histórias mais antigas já se misturam com a influência do catolicismo e repugnado pelo protestantismo, fazendo assim que muitas comecem a sumir ao longo do tempo ou contadas como folclore, até mesmo como diabólicas. Os mais velhos sempre afirmam a importância de seguir a tradição, no meio de suas contações eles trazem várias referências dos seus antepassados e suas preocupações com o futuro da tradição no meio de um período que desvaloriza a cultura. Aponto também que o povo Tupinikim é o público alvo para as contações, pois para além da visibilidade do povo em si, ela precisa ganhar força dentro do próprio território, pois o

conhecimento é a grande arma contra o apagamento programado pelos sistemas racistas, com isso a escola é o local primordial para o fortalecimento da tradição oral através das contações de histórias. Outras conclusões não foram feitas devido à continuidade da pesquisa que segue em andamento, que abordará profundamente as contações sobre as demarcações territoriais e o reconhecimento étnico do povo Tupinikim, também como pilar importante da pesquisa, será discutida e entendida a obra feita por vários membros dos Territórios Tupinikins que é o livro “Tupinikins e Guaranis contam”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SAEC/DAI – COMIN; IECLB – Departamento de Educação Cristã (Org.). **Povo Tupinikim: memória e resistência – fortalecendo a identidade de um povo**. São Leopoldo: COMIN, 2011.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LACERDA, Léia Teixeira; JACOBINA, Tânia M. P. **Contação de histórias tradicionais e leitura na alfabetização na escola municipal indígena Pilad Rebuá, Miranda – MS**. Ethnoscintia, 2022.

MOANA. Direção: Ron Clements, John Musker, Don Hall, Chris Williams. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2016. Filme.

IRMÃO URSO. Direção: Aaron Blaise, Robert Walker. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2003. Filme.

SARAIVA, Eduardo de Souza. **A literatura dos povos indígenas canadense e a construção do conhecimento através da lenda e tradição oral**. Garrafa, 2020.

SEZINANDO, Leidiane Pego de Souza. **O ensino de Geografia na educação escolar indígena Tupinikim nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

TAVARES, Dailme M. S. **Leitura e contação de histórias na Aldeia Guajajara Taywá em Barra do Corda, Maranhão**. UEMA, 2021.

TEAO, Kalna Mareto; LOUREIRO, Klítia. **História dos índios do Espírito Santo**. UFES, 2008.